

“O que não vem não é notícia”: a seleção das fontes em redes de radiojornalismo

Luan José Vaz Chagas

Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

Resumo:

O artigo analisa a percepção dos profissionais da Central Brasileira de Notícias no Rio de Janeiro e em Ponta Grossa, interior do Paraná, sobre a seleção das fontes nos radiojornais locais da rede de emissoras *All News*. O objetivo é verificar se as práticas profissionais jornalísticas convergem ou divergem em relação à escolha das vozes incorporadas à programação. Como metodologia, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com jornalistas das duas redações com foco no processo de seleção dos agentes que compõem as notícias locais. Por fim, são propostas especificidades no *gatekeeper* radiofônico e questões como o reforço à hierarquia da credibilidade com a crescente profissionalização da indústria de assessorias de imprensa.

Palavras-chave:

Radiojornalismo. Seleção. Fontes.
Dependência. Diversidade.

Introdução

A diferença no trabalho dos jornalistas na Central Brasileira de Notícias (CBN) no Rio de Janeiro, que divide a cabeça de rede com São Paulo e coordena o site da emissora, e a afiliada da rede em Ponta Grossa pode evidenciar, por um lado, a discrepância dos formatos de redes radiofônicas no Brasil e, por outro, a estratégia de entrada dessas redes em diferentes pontos do país. A seleção das fontes e vozes que compõem a programação no cotidiano passa pelo contexto distinto de produção jornalística nas redações das emissoras de duas cidades tão diferentes na situação econômica, política e social.

Neste contexto, a CBN Ponta Grossa tinha durante a realização da pesquisa apenas um jornalista contratado e outros dois profissionais terceirizados. Isso justifica a escolha da emissora no interior do Paraná por ter o menor número de contratações entre as 38 afiliadas da rede de radiojornalismo em junho de 2018. Um contraste com os (as) 37

jornalistas que atuavam na CBN Rio de Janeiro que dividia a cabeça de rede com São Paulo.

O objetivo desta pesquisa é verificar se as práticas profissionais jornalísticas convergem ou divergem em relação à seleção de fontes e vozes incorporadas à programação nas emissoras da CBN Rio de Janeiro e da CBN Ponta Grossa. Segundo o anuário *Mídia Dados* de 2019¹, estima-se que tenham mais de 800 emissoras filiadas e afiliadas a redes radiofônicas no Brasil. Betti (2009) apontava um número de 654 há uma década atrás. É importante salientar que nem sempre as redes respeitam as identidades socioculturais, mesmo sendo o local uma característica essencial do radiofônico (MAGNONI, 2010).

A partir disso, são realizadas entrevistas semiestruturadas com os jornalistas das emissoras do Rio de Janeiro e de Ponta Grossa com foco no processo de escolha dos agentes que compõem as notícias locais (GASKEL, 2002; PATHERSON, 2008; TRIVIÑOS, 1987). A variável de escolha dos entrevistados foi definida a partir da função desempenhada na seleção das vozes nas redações pela equipe de produtores, chefes de reportagem, repórteres e âncoras.

Entre os resultados encontrados nas entrevistas está a situação de dependência de fontes e vozes profissionalizadas aliada à falta de profissionais nas redações: "O que vem eu gravo o que não vem não é notícia", afirmou uma das jornalistas entrevistadas. A afirmação se faz presente em um contexto periférico no qual a seleção das fontes desempenhada pelos jornalistas parte do princípio de que aquilo que recebem de assessorias e agências é o que vai determinar quem fala na programação cotidiana.

Desse modo, propõe-se um debate voltado às especificidades do radiofônico na seleção das fontes em duas questões: a primeira diz respeito ao modelo teórico-conceitual que envolve o processo de *gatekeeping* no radiojornalismo segundo os preceitos de Lopez (2009) e Shoemaker e Vos (2011); e a segunda é o reforço à hierarquia da credibilidade (TRAQUINA, 2005) que interfere na ausência de diversidade de vozes a partir da relação de dependência (FRANKLIN, 2011; O'NEILL; O'CONNOR, 2008) formada entre as redações e as fontes oficiais ou profissionalizadas quando selecionadas de forma prioritária pelos jornalistas.

A seleção das fontes no radiojornalismo

Questionar a metáfora da fonte nos remete à origem da utilização do termo como um lugar onde nasce água fresca, a origem da vida. Local onde alguém procura a fonte para coletar algo. Para Pinto (2000), essa lógica está invertida diante da sofisticação do terreno da distribuição das informações, principalmente com a crescente profissionalização dessas fontes. Neveu (2006, p. 95) também argumenta sobre os mal-entendidos em um comportamento ativo por parte dos jornalistas na busca pelo abastecimento de dados, falas e recursos para uma notícia: “Se uma metáfora aquática pode fazer sentido, é a de jornalistas submersos num dilúvio de informações oferecidas pelas fontes”.

Sobre a definição em torno das fontes, Pinto (2000) oferece um debate oportuno sobre os interesses e as formas com que se apresentam no trabalho jornalístico. Para o autor, pessoas, grupos, instituições sociais ou até mesmo vestígios oriundos de falas, documentos, dados que são preparados, construídos ou deixados propositalmente se constituem como fontes. Os agentes ou instituições utilizadas pelos jornalistas remetem a posições e relações sociais “para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados. Em suma, as fontes [...] são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua atividade a partir de

estratégias e com táticas bem determinadas” (PINTO, 2000, p. 278).

Por isso, a metáfora da fonte sobre as vozes utilizadas pelos jornalistas na construção das notícias será mantida pelo reconhecimento que tem na prática profissional e mesmo na academia (CHAPARRO, 1994; NEVEU, 2006; PINTO, 2000; TRAQUINA, 2005). É preciso, no entanto, problematizar a seleção das fontes no radiojornalismo. De acordo com Traquina (2005), qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação, sendo essa, aquela que o jornalista observa, entrevista ou busca dados que auxiliem a complementar ou construir uma notícia. Para Schmitz (2011, p. 9), a fonte de informação destaca que todo e qualquer dado/acontecimento/informe está disponível a alguém, enquanto a fonte de notícia necessita de um mediador, como o jornalista, que “faça circular o seu conhecimento ou saber”.

Também é preciso reconhecer que essa profissionalização, destacada por Pinto (2000) e Neveu (2006), está relacionada com o conceito de Chaparro (1994) sobre a revolução das fontes. O autor destaca que esta revolução proporcionou ao longo das últimas décadas a profissionalização dos sujeitos que, agora institucionalizados, se capacitam para produzir acontecimentos. As fontes geram conteúdos e interferem na pauta jornalística no cotidiano. Para Chaparro (1994), os agentes

transformam o jornalismo em espaço público dos conflitos e utilizam esse ambiente para agir e interagir no mundo.

A consolidação da revolução das fontes a partir da metade da década de 1980 foi reforçada ao longo dos anos 1990 e cresce com ainda mais vigor na atualidade. A maior parte dos jornalistas atuando fora das redações e o crescente número de demissões nas redações tradicionais forçam uma nova lógica de trabalho e sobrevivência no mercado. O novo cenário das fontes, aponta Chaparro (2009, p. 49), é carregado da instantaneidade e da abrangência de uma difusão ilimitada dos acontecimentos, bem como da promoção dos eventos em formatos noticiosos em duas variáveis: "(1) com a eliminação do intervalo entre fato e seu relato, a notícia passou a fazer parte do acontecimento; (2) formatado como notícia, o acontecimento ganhou eficácia de ação discursiva, para confrontos e efeitos imediatos".

Com essa concepção, o autor reforça seu argumento sobre a notícia como parte das disputas e relações humanas no mundo globalizado, no qual as fontes inundam as redações e deixam de reter informações. A capacitação em *media trainings* e o reconhecimento da importância da comunicação por executivos de órgãos públicos e privados, de lideranças sindicais e de movimentos sociais, permite a socialização de discursos particulares. A contradição

está na "competência agressiva dos discursos particulares", mas que não se estabelece num conflito entre o interesse público da notícia e os interesses particulares. Para Chaparro (2009), o que opõe o interesse particular é outro interesse particular e é no conflito que se estabelece a confiabilidade da seleção jornalística.

No caso do rádio, Ferraretto (2014) propõe uma classificação a partir de duas modalidades que refletem as diferenças entre fontes profissionalizadas e não profissionalizadas: as internas e as externas. As fontes internas contemplam equipes de reportagem, enviados especiais, editores, correspondentes, e apuração dentro da redação. Já as fontes externas abrangem assessorias de imprensa, agências de notícias, informantes e a internet. Para o autor, a apuração interna dos fatos pelos jornalistas na redação é fundamental para a compreensão dos acontecimentos, pois eles são os agentes responsáveis por selecionar os materiais oriundos das fontes e a possibilidade de complementaridade com os discursos externos. Como destaca Ferraretto (2014), o enfoque particular da realidade cotidiana e local é desempenhado na procura de fatos alinhados aos interesses do público da emissora.

Porém, como afirma Lopez (2010), há uma mistura neste processo de seleção das vozes ou então uma utilização conjunta que envolve tanto a apuração de fontes internas quanto as

externas. Nesse sentido, é difícil sinalizar as fronteiras entre uma e outra com um fluxo informativo cada vez mais veloz e profissionalizado entre os setores oficiais e os jornalistas nas redações. Ao analisar as novas configurações de formatos no chamado rádio hipermediático, Lopez (2010) defende um dinamismo das fontes em três níveis: a) primário: consultadas em campo no desenrolar dos acontecimentos; b) secundário: agentes que analisam os acontecimentos; c) terciário: quando as informações chegam às redações por outros meios de comunicação, assessorias e agências.

O conceito de rádio hipermediático é formado pelas amplas formas de difusão de conteúdos por diferentes mídias e plataformas, mas também marcado pela difusão tecnológica nos processos de produção e apuração das notícias: “Trata-se de rádio hipermediático, que fala em diversas linguagens em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco” (LOPEZ, 2010, p. 119).

A ausência do jornalista no palco dos acontecimentos é uma das constatações de Lopez (2010) nas emissoras *All News* ou *Talk and News* que se desdobra em questionamentos sobre a influência que a cobertura pode sofrer na difusão tecnológica e na linguagem convergente dos dias atuais. O processo de mediação jornalista-fonte ou jornalista-acontecimento são laços que a produção fora da redação pode

proporcionar com o aprofundamento necessário aos debates da esfera pública.

É preciso destacar também o conceito cunhado por Kischinhevsky (2016) de rádio expandido. O argumento da expansão para além das ondas hertzianas se une à produção hipermídia em que o meio está inserido e permite uma compreensão para além de muros conceituais em torno da linguagem ou então o que é ou como se apresenta. Inclui-se aqui uma visão da produção como um todo, do profissional aos conteúdos com características e especificidades que estruturam a presença radiofônica em diferentes modalidades.

O rádio é hoje um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música. A escuta se dá em frequência modulada (FM), ondas médias (OM), curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, *tablets*; pode ocorrer ao vivo (no *dial* ou via *streaming*) ou sob demanda (*podcasting* ou através da busca em arquivos ou diretórios). (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 12-13)

Se de um lado estão as fontes cada vez mais profissionalizadas na relação com os jornalistas, de outro estão as novas possibilidades de seleção de agentes populares por meio da interação cotidiana. O processo de *gatewatching* é um exemplo desse aspecto na construção

colaborativa das notícias com as contribuições do público. No caso apresentado por Bruns (2005, 2011), a interação com os leitores foi fundamental para a cobertura dos gastos de parlamentares no *The Guardian*, o que não invalida ou retira o papel do profissional na mediação entre as informações e os valores-notícia.

Segundo Bruns (2005), o *gatewatching* é um processo de produção de notícias sem a estrutura hierárquica estabelecida pelo controle tradicional. Ele argumenta que o público tem acesso a diferentes fontes e nem sempre depende dos jornalistas ou da própria mídia para a produção e difusão das notícias. Já o conceito de *gatekeeping* é pensado aqui como parte do reconhecimento das especificidades do meio rádio em que a figura do profissional é repensada ao longo das últimas décadas numa lógica de analisar a notícia não apenas na descoberta e na seleção pela mídia, mas também como parte de um complexo sistema que envolve as fontes de informação como produtora dos eventos e a transformação desses acontecimentos em mensagens jornalísticas (SHOEMAKER; VOS, 2011).

Para Shoemaker e Vos (2011, p. 34), “os gatekeepers passam a ser não só coletores, fontes e processadores, mas também profissionais de relações públicas e demais representantes de grupos de interesse que querem modelar o conteúdo da mídia de massa”. Nesse sentido,

o jornalismo, dentro do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermediático (LOPEZ, 2010), é envolvido por características clássicas e essenciais de reconhecimento do meio e de atualização das informações e do próprio processo produtivo que compõe suas formas de trabalho nos três canais apresentados no processo de *gatekeeping*: as fontes, a mídia e a audiência.

Ao reconhecer a diminuição do número de profissionais nas redações, a presença do jornalista sentado (NEVEU, 2006; PEREIRA, 2004) e ausente do palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2010), a dependência se torna um dos principais aspectos na relação desempenhada com agentes externos às redações. Segundo Kischinhevsky (2016), o segmento precisa ir além do noticiário banal do cotidiano e investir no local, fugindo da dependência de setores profissionalizados como assessorias de imprensa e agências, algo que depende do investimento em pessoal, gestão competente e remuneração digna.

A definição de dependência passa pelo reconhecimento de que, como destaca Manning (2001, p. 149), a “interação entre fontes de notícias e organizações noticiosas envolve um processo de negociação, blefe e barganha, cujo resultado nunca pode ser previsto com absoluta certeza”. Por outro lado, essa é uma questão que se choca com questões valorativas

incorporadas pela comunidade interpretativa como autonomia e objetividade no jornalismo.

Traquina (2005) argumenta que aceitar a ideia de uma hierarquia da credibilidade reforça automaticamente a possibilidade de existência de uma dependência das fontes oficiais. A preferência não é só realizada pela noção de confiabilidade ou o acesso a dados mais credíveis que outros, mas sim na facilidade de contato, o que consequentemente influencia a análise que o profissional pode fazer de um acontecimento. Autores como Hood (2011) e Elías (2003) identificaram nos contextos americano e espanhol situações em que os jornalistas apenas copiavam os materiais oriundos de assessorias e o reaproveitavam em um formato de curadoria em notícias e reportagens.

No Reino Unido, O'Neill e O'Connor (2008) procuraram entender como as fontes dominam o noticiário local a partir de uma amostra de 2.979 notícias de quatro jornais de *West Yorkshire*. O padrão analisado pelas pesquisadoras evidenciou que 76% dos artigos tinham apenas uma fonte, considerado ruim para o ambiente democrático de discussão pública pregada pelos jornalistas. Nesse sentido, a passividade dos jornalistas em relação aos agentes os torna poderosos em definir a agenda pública e os moldes de debate em torno das políticas públicas. A “aliança profana”, como O'Neill e O'Connor

(2008) denominam, com a indústria de relações públicas afeta diretamente a ideia de profissão autônoma e crítica na sociedade atual

As descobertas sugerem que a confiança dos jornalistas em uma única fonte de histórias, possivelmente refletindo a escassez de tempo e recursos, combinada com as habilidades das fontes em apresentar imagens públicas positivas, é um fator significativo para o relato não crítico da imprensa local. (O'NEILL; O'CONNOR, 2008, p. 493)

Ao contrário de um investigador ativo que cruza informações, contrasta com outras fontes e busca diversificar as versões de uma notícia, o jornalista passivo apenas olha ao redor e seleciona aquilo que está mais fácil, confiando menos nos cidadãos comuns e instituições não alinhadas e mantendo o *status quo* de quem está no poder. De acordo com O'Neill e O'Connor (2008, p. 498), “essa passividade também leva a uma confiança excessiva em fontes únicas, excluindo certos pontos de vista e questões relevantes para os leitores e permitindo que fontes de rotina dominem a agenda de notícias e formem histórias subsequentes”.

Por fim, cabe analisar como as relações entre a dependência e a passividade se tornam latentes na seleção das fontes com a diminuição de profissionais nas redações e nas diferentes condições de trabalho na CBN no Rio de Janeiro e em Ponta Grossa. Torna-se fundamental perceber como a hierarquia da credibilidade

(TRAQUINA, 2005) perpassa o cotidiano de trabalho nas emissoras e interfere em questões subjetivas dos profissionais. É preciso, no entanto, identificar e reconhecer que essas situações são partes de uma construção permanente de investigação em torno da diversificação das vozes no cotidiano. Para tanto, há que se diferenciar a ideia de pluralismo ou pluralidade com diversidade (KISCHINHEVSKY; CHAGAS, 2017). No caso do pluralismo, como concepção elitista, Manning (2001) argumenta que as defesas conceituais foram organizadas em torno da liberdade de acesso ao mercado em busca da prioridade aos interesses dos leitores, o que se mostra problemático na sociedade atual em que muitas vezes o capital prevalece sobre as coletividades.

Para o autor, é indiscutível que “[...] grupos e instituições dominantes gozem de vantagens estruturadas na luta para controlar os fluxos de informação que abastecem a(s) esfera(s) pública(s)”, o que, por sua vez, demonstra uma das contribuições da associação do conceito de pluralismo ao jornalismo (MANNING, 2001, p. 33). Porém, o grau de fluidez necessário aos meios de comunicação evoca diretamente a diversidade com a integração de setores que não possuam as “vantagens estruturadas” de anúncios corporativos e estratégias pelas

quais essas “organizações despendem para mobilizar seus recursos materiais e simbólicos” (p. 34). Reforça-se então a posição defendida por Manning (2001, p. 34) de que pensar somente o pluralismo para a complexidade de relações entre as fontes e os jornalistas é inadequada e insuficiente para entender a importância da diversidade nas “arenas de formulação de políticas públicas ou na produção das notícias”.

A profissionalização e a hierarquia da credibilidade nas CBNs Rio de Janeiro e Ponta Grossa

A investigação sobre a seleção de fontes profissionalizadas e não profissionalizadas na cobertura local e cotidiana da CBN no Rio de Janeiro e em Ponta Grossa envolve diferentes questões de análise do papel profissional e social que esses agentes constituem na esfera jornalística. Os resultados aqui apresentados foram coletados a partir do processo de investigação realizada em tese de doutorado² já concluída sobre a seleção das fontes no radiojornalismo. Dessa forma, um dos protocolos de coleta de dados utilizados na pesquisa foram as entrevistas semiestruturadas. Elas estão inseridas na coleta de dados objetivos e subjetivos como forma tradicional nas pesquisas das ciências sociais

2 CHAGAS, Luã José Vaz. **Entre fontes e jornalistas: a seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN.** 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 2019.

com o tópico guia como base de investigação (PATHERSON, 2008; TRIVIÑOS, 1987). As entrevistas semiestruturadas (GASKEL, 2002) procuraram explorar o espectro das opiniões dos jornalistas nas redações das emissoras a partir diferentes representações sobre o cotidiano da cobertura com o foco na seleção das fontes. O objetivo, como destaca o autor, foi extrair dos entrevistados que colaborassem para o conteúdo da pesquisa a partir das perguntas formuladas anteriormente.

A construção conceitual para a seleção das fontes embasou a organização do tópico guia que conduziu as entrevistas, algo que sucessivamente oferece “ [...] amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146). Desse modo, destaca Triviños (1987), toda a informação recolhida sobre o fenômeno resulta na organização das perguntas e na própria escolha das pessoas entrevistadas. Essa organização de perguntas teve como base as temáticas desenvolvidas durante este artigo, tais como a seleção das fontes, a profissionalização dos agentes selecionados e como a diversidade é pensada pela comunidade interpretativa dos jornalistas que estão nas redações. Por fim, a interpretação dos dados

coletados nas entrevistas foi realizada a partir dos seguintes eixos temáticos que agregaram o conjunto de respostas: a) mudanças na seleção das fontes durante o período profissional de trabalho na redação da emissora; b) profissionalização das fontes e o impacto nas redações; e c) diversidade.

As entrevistas foram realizadas no mês de junho de 2018 na CBN Ponta Grossa com os jornalistas Clarisson Kawa, produtor e âncora do programa local e com os repórteres terceirizados, Emmanuel Fornazari e Thanile Ratti. Já em agosto de 2018, os entrevistados na CBN Rio de Janeiro foram o gerente de jornalismo Thiago Barbosa, a âncora Bianca Santos, o produtor Ricardo Porto, o chefe de reportagem Matheus Carrera e a repórter Rafaela Cascardo.

A CBN tem 25 anos de existência e integra o Sistema Globo de Rádio com quatro emissoras próprias em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, além de mais de 40 emissoras em todo o país. Segundo as métricas apresentadas pelo Ibope Easy Media no Mídia Kit³ da empresa de janeiro a março de 2020, a emissora alcança mais de 2,9 milhões de ouvintes por mês com um tempo médio de escuta de 1h57min. No site, 9,8 milhões de

3 Somos CBN. 2019. Disponível em: <<https://anunciesgr.globo.com/cbn/documentos/midia-kit.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

páginas são visitadas mensalmente, com 5,2 milhões de usuários ativos no sistema e cerca de 540 mil ouvintes durante o mesmo período. Os *podcasts* da CBN também têm um total de 4,7 milhões de *downloads* ao longo de 30 dias com uma média de 316 mil ouvintes únicos em cada mês durante a pesquisa.

A Sociedade Pitangui de Comunicação fundada em setembro de 1989 detém a concessão da CBN Ponta Grossa primeiramente em AM (1300) e depois, assim como cinco emissoras da cidade, migra para o FM (98,1)⁴. Segundo os dados de 2019 da Anatel⁵ e uma consulta ao CNPJ da empresa no site da Receita Federal⁶, ela possui oito sócios, sendo que quatro deles atuam como administradores, Roberto Mongruel, Wilson Souza de Oliveira, Amarildo Lopes dos Santos e Baltazar Eustáquio de Oliveira. Na programação, os noticiários locais seguem a grade da rede, às 9h30 e no período da tarde com entradas sobre política, trânsito e economia.

O horário da CBN Ponta Grossa segue o padrão de escuta da região e do país, como revelou

o Instituto DataSonda⁷ na última pesquisa divulgada em 2014 sobre o consumo de rádio na cidade. Como uma característica do meio, de acordo com o Instituto DataSonda, 11,30% da população está sintonizada em alguma emissora no período entre 10 e 11 horas. Quanto aos ambientes, 65,15% dos entrevistados afirmam ouvir em casa, 24,13% no trabalho e 10,72% no carro. A preferência pelo FM também se repete com 66,44% e o AM, 33,56%. A relação das fontes estabelecidas pela programação como parte do conjunto metodológico de análise na emissora pode ser estabelecida a partir de uma rede de contatos que priorizam agentes do Estado e órgãos oficializados, além de instituições, empresas e especialistas que operam na lógica da linha editorial do grupo.

Nas mudanças na seleção das fontes durante o período profissional de trabalho na redação, a incorporação de diferentes formas de contato com os agentes exteriores à redação pode ser vista em três diferentes considerações de experiência na CBN Rio de Janeiro. Para o gerente de jornalismo Thiago Barbosa (2018), hoje as fontes são mais difusas e não

4 Cinco emissoras migram para o FM em PG. 2017. Disponível em: <<http://arede.info/ponta-grossa/159255/cinco-emissoras-am-migram-para-a-frequencia-fm-em-pg>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

5 Disponível em: <<http://sistemas.anatel.gov.br/se/public/view/b/form.php?id=57dbac6d02d6c&state=AM-C3>>. Acesso em: 20 maio 2020.

6 Quadro societário da Sociedade Pitangui de Comunicação na Receita Federal. Disponível em: <https://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/Cnpjreva_qsa.asp>. Acesso em: 20 maio 2020.

7 Pesquisa revela índices de audiência das rádios de Ponta Grossa. 2014. Disponível em: <<http://www.datasonda.com.br/?pg=publicacoes-da-empresa&id=9#>>. Acesso em: 20 maio 2020.

estão presentes somente no “livrinho de anotações” que permanece na redação, mas se complementa com bancos de dados e contatos via aplicativos de mensagens instantâneas como o *WhatsApp*: “a gente usa tudo pelos contatos do e-mail e tal, contato pelo *WhatsApp*, e o interessante é que antigamente falava-se muito mais ao telefone, hoje você percebe na redação um silêncio quando tá todo mundo ali apurando”.

O fluxo de trabalho é atingido e possui uma outra forma de seleção, ligada a cada função de *gatekeeper* no processo multifuncional do trabalho jornalístico (SHOEMAKER; VOS, 2011). Outro argumento é de que o tema seja “interessante para o ouvinte, se aquilo vai mexer com a vida do ouvinte de alguma forma” (BARBOSA, 2018), não necessariamente citando o interesse público como critério-chave de seleção. Porto (2018) exemplifica a forma de relação com as novas tecnologias a partir das necessidades temporais dos repórteres dentro do programa. Mesmo com a entrada de novas possibilidades pelos recursos das tecnologias em trocas de mensagens de áudio e de outras mídias, a preferência continua voltada às fontes oficiais no caso da apuração: “Então, eu priorizo sempre as oficiais, porém a gente tem uma demora maior em conseguir confirmar as vezes coisas básicas que você consegue confirmar com outras fontes” (CASCARDO, 2018).

A dependência da hierarquia da credibilidade é citada por Cascardo (2018) na central de apuração a partir da relação tradicional com o uso do telefone e de grupos de *WhatsApp* com fontes oficiais para confirmar dados até a veiculação final da notícia. Em casos muito relevantes, cita Cascardo (2018), a prioridade é confirmar com vozes oficiais, mas que podem ter a entrada de informações quando “há vários relatos, porém sem a confirmação da Polícia Militar, tem coisas que não tem como evitar, as pessoas mandam vídeo, áudio, a gente vê que realmente está acontecendo e, em muitos casos, as fontes oficiais não querem se comprometer”.

Em Ponta Grossa, Kawa (2018) diz que a relação com as fontes mudou ao longo do tempo no trabalho radiofônico. Enquanto no período que era sonoplasta e locutor na emissora toda a comunicação era realizada por telefone e pessoalmente, hoje em dia ela é marcada por uma relação permanente via *WhatsApp*, *Facebook* e outras formas de contato pela internet. De acordo com ele, a necessidade da presença do/a repórter no local dos acontecimentos e a manutenção de uma rede de contatos pode garantir uma confiabilidade dupla entre entrevistador e entrevistado. Atualmente, as assessorias de imprensa também organizam grupos com o objetivo de manter uma relação diária e constante sobre os acontecimentos

voltados as suas fontes, bem como controlar o fluxo de informações sobre suas fontes.

Nessa questão, a repórter terceirizada da CBN Ponta Grossa Thanile Ratti (2018) argumenta que as mudanças no processo de seleção são consequências do ambiente de produção e da profissionalização das fontes que atuam diretamente sobre a seleção desempenhada pelos jornalistas. Nos casos de rádio releases ou sonoras enviadas junto aos e-mails, a escolha também é realizada com a inclusão das vozes dos personagens e fontes oficiais encaixando aquilo que é de interesse do repórter ou não está repetido na informação enviada pela assessoria: “nada desse material sou eu por exemplo que entro em contato, nem com o assessor nem com o assessorado para pegar material, o que vem eu gravo o que não vem não é notícia” (RATTI, 2018).

Nesse sentido, a mudança da estratégia do *gatekeeping* é transferida para as fontes que possuem o papel de escolher as vozes e as temáticas interessantes para os jornalistas. Eles atuam como curadores ou *gatewatchers* na reescrita e na compilação do texto radiofônico, aderindo também a cultura do copiar e colar (FRANKLIN, 2011) sem um aprofundamento sobre os fatos, agentes ou envolvidos nos casos: “fazemos uma reescrita do material para ser utilizado para dar uma cara de produção de rádio e não ficar

algo de assessoria de imprensa” (FORNAZARI, 2018).

A necessidade e a dependência das assessorias a partir da profissionalização das fontes e o seu impacto nas redações é parte do discurso dos jornalistas em vários momentos. Um dos fatores para esse processo de dependência é a declarada preferência pelas fontes oficiais, como já apontado por Pinto (2000), Traquina (2005) e Schmitz (2011). Barbosa (2018) afirma que esse o crescimento das assessorias é decorrente das mudanças ocorridas no mercado profissional nos últimos anos que impacta em dois caminhos. O primeiro é movido pelos problemas por parte de órgãos que blindam os assessorados e impedem o acesso a fontes ou então insistem com pautas sem o perfil da emissora. O segundo é a facilidade decorrente do contato com os departamentos de “enxergar uma coisa que a emissora gostaria de ter na programação e que a gente não sabe quem é a melhor pessoa, quando a assessoria consegue atuar nesse meio, ajuda” (BARBOSA, 2018).

Para Santos (2018), há um distanciamento com as fontes na relação direta exercida antes do poderio das assessorias de imprensa, principalmente em órgãos militares de segurança e empresariais. Segundo a âncora, na época em que os/as repórteres faziam as rondas regulares em diferentes órgãos

e instituições, havia o repasse de informações de forma direta, mesmo que em alguns casos provocasse tensão quando os problemas eram gerados pela Polícia Militar, por exemplo. O envolvimento com as fontes de forma direta, de acordo com Santos (2018), acabou, e somente os jornalistas “com mais experiência” e que utilizavam esses recursos conseguem ainda manter alguns contatos no seu cotidiano: “existe essa aproximação, acho que isso não vai se perder nunca, do jornalista com as fontes, mas atualmente está um processo de afastamento por causa dessa crise instalada e do número de assessorias para gerir essas crises”.

A desconfiança por parte dos jornalistas das fontes oficiais e a relação problemática com discursos de instituições, especialistas e empresários é citada por Porto (2018) e Cascardo (2018) ao afirmarem que há uma relação de passividade na seleção, mas também de cruzamento das informações de forma contínua e permanente. Cascardo (2018) reconhece que, na central de apuração da temática de violência, a dependência de fontes profissionalizadas ligadas aos órgãos de segurança gera uma passividade sobre os discursos colocados como verdade por parte de quem detém o poder sobre dados e informações. Sem os repórteres no local dos acontecimentos, há um processo de aceitação daquilo que convém à necessidade de fechamento dos materiais.

Além do controle habitual por parte das fontes organizadas na gestão de crises, a passividade dos jornalistas é parte do processo de aceitação da postura de agentes que utilizam as assessorias também como escudos de proteção em momentos como escândalos e polêmicas. Ratti (2018) argumenta que há outros fatores na dependência cotidiana, como a facilidade de elaborar textos oriundos de diferentes setores de comunicação, além do exercício de separar o que é notícia no release e o que é somente o destaque ao assessorado. Para ela, mesmo diante de todos os problemas éticos e estruturais no tocante ao formato de trabalho, esses órgãos são os “braços direito e esquerdo” no trabalho da CBN Ponta Grossa e, se deixassem de existir, o sistema de jornalismo praticado na emissora teria que ser revisto.

O meu trabalho depende totalmente de uma assessoria, se elas não mandam textos eu fico sem notícia e eu vou demorar muito mais, enfim, vou ter que apurar mais, o que não é de certa forma acertado para que fosse feito, mas acontece de algumas vezes eu ter que trabalhar em cima do material das assessorias porque ele não vem pronto (RATTI, 2018).

A relação de troca e expectativa de materiais prontos que facilitem o trabalho terceirizado também é apontada por Fornazari (2018), justamente pelo contrato de *home office* estabelecido na CBN Ponta Grossa, o que implica na ausência do jornalista do local dos acontecimentos.

Segundo ele, a preferência por fontes profissionalizadas se justifica no sentido da abordagem de serviços públicos, nos quais há a necessidade de notas pontuais sobre casos que somente órgãos oficiais podem oferecer.

Não há uma visão estratégica para aliar o interesse público com a busca pela diversidade de opiniões ou então a transparência de diferentes discursos de forma a equilibrar o noticiário radiofônico nas duas emissoras. O trabalho se resume a “ouvir o outro lado” e conduzir uma estrutura de trabalho enraizada na concepção de confiabilidade em fontes que tradicionalmente são vistas como mais credíveis aos discursos sociais.

Segundo Carrera (2018), há uma normalização do uso de vozes oficiais “à vontade” e a desconfiança permanente em postagens do *Facebook*, do *Twitter* e mensagens do *WhatsApp* ou ligações: “o ideal é quando é algo muito grave tentar confirmar com mais de uma fonte”. Para o chefe de reportagem, diversificar as vozes no ritmo de trabalho é praticamente impossível pelo contingente de informações a apurar, mas se torna uma necessidade em casos que demandam uma análise aprofundada por parte de diferentes setores da sociedade. Esse mesmo ponto de vista é tratado por Santos (2018) como uma questão de responsabilidade e não necessariamente de ouvir mais fontes. A prioridade, para a âncora, deve ser

a agilidade da informação frente a concorrentes como a internet, considerando a cautela quanto aos dados ou aos acontecimentos que necessitam de uma apuração aprofundada: “você quer dar aquela informação, quer ser a primeira a falar no rádio, mas você não pode considerar essa emoção, é muito ruim e perde-se credibilidade quando você tem que depois corrigir essa informação e você acaba prestando um desserviço”.

Para Fornazari (2018), a ausência de diversidade é o resultado da falta de estrutura que passam as redações na atualidade e da reconfiguração profissional que, por um lado, emprega os jornalistas em assessoria de imprensa e, por outro, garante o trabalho em *home office* utilizando os materiais de setores das fontes. A própria avaliação sobre a necessidade de questionamentos às assessorias em determinados releases só acontece “quando requer um detalhamento maior” desde que alinhado com os serviços públicos essenciais. Isso, segundo ele, é resultado da falta de investimento na redação, que também recai “na proatividade do próprio jornalista, que muitas vezes pode ter estrutura e não estar interessado ou não ter a qualificação necessária para fazer esse tipo de debate”. O tempo maior para a produção e a presença no local dos acontecimentos também são fatores elencados pelo jornalista que levariam a um aumento nos pontos de vista sobre determinadas temáticas.

Considerações finais

Nas entrevistas realizadas com jornalistas da CBN Ponta Grossa, fica evidente o fluxo de trabalho precário desempenhado na redação e o controle exercido pelas fontes por conta da situação estrutural e contextual da emissora. A preponderância das mesmas vozes e a ausência de pontos de vista diferenciados ou oriundos dos cidadãos comuns são partes de uma dinâmica que vai das estratégias das próprias empresas nos dois casos até às formas de dependência e passividade com relação às fontes profissionalizadas. Essas são características do *modus operandi* da construção social da realidade que interfere diretamente na seleção das fontes no radiojornalismo e de quem está habilitado a falar, possui acesso direto ao espaço midiático e conduz os debates sobre as políticas de uma região.

Há uma manutenção das mesmas vozes com a homogeneização dos discursos a partir da preferência dada aos órgãos oficiais e institucionais. A relação profissionalizada por meio das assessorias de imprensa tanto com a CBN Ponta Grossa quanto com a CBN Rio de Janeiro impacta diretamente na escolha de quem fala na programação das emissoras *All News* no âmbito local. É possível perceber nos discursos dos profissionais uma ausência da ideia de um processo de disputa, o que, por sua vez, leva a possibilidade de concentração das mesmas vozes no radiojornalismo cotidiano

e na promoção dos acontecimentos cobertos pelos jornalistas.

Durante todas as entrevistas, a preponderância de órgãos e agentes oficiais é tida como natural e inerente ao processo de construção das notícias em ambas as emissoras. O que muda é o contexto político e socioeconômico com um número maior de profissionais no Rio de Janeiro. O cidadão comum ainda fica à margem da possibilidade de ser ouvido em toda a ressonância necessária sem um jornalista que tenha condições estruturais de investigar e ouvir os diferentes lados existentes sobre os fatos do cotidiano.

A partir das entrevistas realizadas com os jornalistas, é possível salientar três pontos que reforçam as especificidades do modelo de seleção do radiojornalismo e as condições de produção. O primeiro ponto é o processo de *gatekeeping* multidimensional específico nas redações radiofônicas, diferenciadas da apresentação conceitual tradicional e que remete ao formato de distribuição das funções que perpassam repórteres, produtores, âncoras e chefes de reportagem. Não há uma linearidade em relação à escolha das fontes e isso se torna uma potencialidade pelo fato do jornalista que está na rua poder escolher de forma autônoma e conforme as condições estabelecidas no trabalho e no jogo profissional as vozes que compõem uma notícia. O segundo

é o reforço à hierarquia da credibilidade com a manutenção das fontes oficiais devido ao nível de confiança estabelecido em conjunto com instituições como a polícia, no caso da cobertura de segurança no Rio de Janeiro, ou o agronegócio em Ponta Grossa, na cobertura sobre agricultura. O terceiro ponto está relacionado com a dependência das fontes oficiais e profissionalizadas que se acentua nas duas emissoras pelo formato de trabalho estruturado na CBN Rio de Janeiro e pelas condições de trabalho terceirizadas em que o jornalista aceita passivamente os materiais oriundos de assessorias, no caso da CBN Ponta Grossa.

O jornalista passivo, nesse sentido, se torna uma consequência da dependência das fontes organizadas em um contexto que combina as pressões do dia a dia com a crescente experiência das assessorias em se relacionar e reconhecer as fragilidades das redações. O argumento de Shoemaker e Vos (2009) é que até mesmo o papel do *gatekeeper* muda para o profissional da assessoria que seleciona e distribui o que é de interesse para a organização em que trabalha.

Desse modo, há um processo de *gatematching* na utilização de fontes por meio de redes sociais como o *WhatsApp* ou mesmo o e-mail, como apontam Santos (2018) e Cascardi (2018). Na lógica proposta por Manning (2001), se considerarmos proporcionalmente

o número de pessoas que falam sobre um determinado assunto que surge de cidadãos comuns, isso pode ser contrabalanceado e apurado junto ao discurso das autoridades. Algo que também reforça a ideia da complexificação da fonte popular enquanto ouvinte que abastece a redação por meio de aplicativos de mensagens instantâneas.

As discussões permanecem com o objetivo de compreender como os debates públicos são afetados pela ausência de diversidade em decorrência do trabalho nas redações. A ascensão de perfis profissionais com pouco tempo ou imersos na agilidade do tempo e do espaço em que estão inseridos são marcas de um momento vivenciado pelo jornalismo na atualidade. Essas condições terceirizadas ou que confiam nas fontes oficiais como agentes primários na construção das notícias estabelecem uma relação que invisibiliza o cidadão comum como parte dos debates sobre as políticas públicas, o andamento de reformas e outras votações importantes na esfera política da sociedade. A disputa pelo espaço do jornalismo se mostra desigual pelo formato de trabalho, os valores compartilhados e a crescente influência de setores externos às redações na atualidade.

Referências

BARBOSA, Thiago. **Entrevista realizada no dia 13 de agosto de 2018**. Entrevista cedida a Luã José Vaz Chagas. Rio de Janeiro, 2018.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi.

A especificidade das redes de rádio all-news brasileiras. 2009. 194 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo. **Brazilian Journalism Research.** v. 7, n. 2, p. 224-247, 2011.

BRUNS, Axel. **Gatewatching:** Collaborative Online News Production. New York: Peter Lang, 2005.

CARRERA, Matheus. **Entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2018.** Entrevista cedida a Luãn José Vaz Chagas. Rio de Janeiro, 2018.

CASCARDO, Rafaela. **Entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2018.** Entrevista cedida a Luãn José Vaz Chagas. Rio de Janeiro, 2018.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Cem anos de assessoria de imprensa. In: DUARTE, Jorge Antonio Menna (Org.). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia:** teoria e técnica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo:** buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

ELÍAS, Carlos. Adaptación de la metodología de “observación participante” al estudio de los gabinetes de prensa como fuentes periodísticas. **Empiria: Revista de Metodología de Ciencias Sociales,** n. 6, p. 145-159, 2003.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio:** teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014.

FORNAZARI, Emanuel. **Entrevista realizada no dia 22 de junho de 2018.** Entrevista cedida a Luãn José Vaz Chagas. Ponta Grossa, 2018.

FRANKLIN, Bob. Sources, Credibility and the Continuing Crisis of UK Journalism. In: FRANKLIN, Bob; CARLSON, Matt (Org.). **Journalists, Sources and Credibility.** Londres: Routledge, 2011.

GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKEL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Tradução Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis: Vozes, 2002.

HOOD, Lee. News Outsourcing: the Producers' Perspective. **Journal of Radio & Audio Media,** v. 18, n. 2, p. 295-308, 2011.

KAWA, Clarisson. **Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2018.** Entrevista cedida a Luãn José Vaz Chagas. Ponta Grossa, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; CHAGAS, Luãn. Diversidade não é igual a pluralidade: proposta de categorização das fontes no radiojornalismo. **Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica,** v. 1, n. 36, p. 111-124, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais:** mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, Débora Cristina. A construção da notícia no rádio contemporâneo: o papel do gatekeeper no jornalismo radiofônico em ambiente de convergência. **Chasqui,** n. 108, dic., 2009.

LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático:** tendências e perspectivas do

jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

MAGNONI, Antônio Francisco. Projeções sobre o rádio digital brasileiro. In: MAGNONI, Antônio Francisco Magnoni; CARVALHO, Juliano Maurício de (Org.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

MANNING, Paul. **News and News Sources: A Critical Introduction**. Londres: Sage, 2001.

NEVEU, Érick. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

O'NEILL, Deirdre; O'CONNOR, Catherine. The Passive Journalist: How Sources Dominate Local News. Londres: **Journalism Practice**, v. 2, n. 3, p. 487-500, 2008.

PATHERSON, Chris. Why Ethnography? In: PATHERSON, Chris; DOMINGO, David. (Org.). **Making Online News: the Ethnography of New Media Production**. New York: Peter Lang, 2008.

PEREIRA, Fábio Henrique. O jornalista sentado e a produção da notícia online no Correio Web. **Em Questão**, v. 10, n. 1, p. 95-108, 2004.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 14, n. 1-2, p. 277-294, 2000.

PORTO, Ricardo. **Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2018**. Entrevista cedida a Luã José Vaz Chagas. Rio de Janeiro, 2018.

RATTI, Thanile. **Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2018**. Entrevista cedida a Luã José Vaz Chagas. Ponta Grossa, 2018.

SANTOS, Bianca. **Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2018**. Entrevista cedida a Luã José Vaz Chagas. Rio de Janeiro, 2018.

SCHMITZ, Aldo A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SHOEMAKER, Pamela; VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Editora Penso, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. (v. 1).

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa: Este artigo é resultado de tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, intitulada *Entre fontes e jornalistas: A seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN* sob a orientação do professor doutor Marcelo Kischinhevsky.

Fontes de financiamento: Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa (Faperj) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) em doutorado sanduíche.

Considerações éticas: Não se aplica.

Declaração de conflito de interesses: Não se aplica.

Apresentação anterior: Artigo modificado após a apresentação no 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Não se aplica.

“What doesn't come isn't news”: the selection of sources in network radiojournalism

Abstract:

This article analyzes the perception of Brazilian News Center professionals in Rio de Janeiro and in Ponta Grossa, in the interior of Paraná, Brazil, on the selection of sources in the local radio stations of the All News network. The objective is to verify if the journalistic professional practices converge or diverge in relation to the choice of the voices incorporated to the programming. For this purpose, semi-structured interviews are conducted with journalists from both newsrooms focusing on the process of selecting agents that make up local news. Finally, specific proposals are proposed in the wireless gatekeeper and questions such as the reinforcement of the credibility hierarchy in the relationship of dependence with the increasing professionalization of the press and public relations industry.

Keywords:

Radiojournalism. Selection. Sources. Dependency. Diversity

“Si no viene no es noticia”: selección de las fuentes en cadenas de radio

Resumen:

El artículo realiza un análisis de la percepción de los profesionales de la Central Brasileña de Notícias en Río de Janeiro y en Ponta Grossa, interior de la provincia de Paraná en Brasil, sobre la selección de las fuentes en los radiojornales locales de la red de emisoras All News. El objetivo es verificar si las prácticas profesionales periodísticas convergen o divergen en relación a la elección de las voces incorporadas a la programación. Por último, son propuestas especificidades en el gatekeeper radiofónico y cuestiones como el refuerzo a la jerarquía de la credibilidad (TRAQUINA, 2005) en la relación de dependencia con la creciente profesionalización de la industria de asesorías de prensa y relaciones públicas.

Palabras clave:

Radio-periodismo. Selección. Fuentes. Dependencia. Diversidad

Luan José Vaz Chagas

Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso.
Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá,
Mato Grosso, Brasil.

E-mail: luaanchagas@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2491-8479>